

A identidade heterogênea do personagem narrador Ernesto de *Los Rios Profundos* de José Maria Arguedas



Ivana Ferigolo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar como se configura a identidade do personagem narrador Ernesto, no romance *Los ríos profundos* do escritor peruano José Maria Arguedas.

A identidade desse personagem parece definir-se num terreno tenso e conflitivo devido a sua imersão em um universo cultural heterogêneo. Ou seja, essa identidade tende a ser determinada pela influência de dois mundos culturais antagônicos (Ocidental e indígena) que estão em constante choque sem que nenhum deles perca seus valores e suas visões de mundo.

Heterogêneo, como o nome pressupõe, sugere a não diluição dos fatores ou elementos que estão em confluência. No âmbito dos estudos literários hispano-americanos, a heterogeneidade consolida-se como um fenômeno que no encontro entre duas culturas

...tiende a la individualización de los especímenes en contacto, dentro de la línea alterizante basada en la afirmación de las diferencias. Su característica es la insolubilidad de los elementos en juego, es decir, su capacidad de afirmar la discontinuidad cultural, esto es, de marcar las fisuras que establecen la pluricultura. (CHAVES, 1996, p. 24).

Nesse sentido, sujeito heterogêneo é aquele em cujo processo constitutivo participam e agem universos culturais distintos, de tal modo que o indivíduo tende a identificar-se com os conteúdos simbólicos desses diferentes contextos sem que ocorra a diluição das visões de mundo particulares de cada uma dessas esferas.

O multiculturalismo, concepção que embasará o estudo da construção identitária de Ernesto, consolida-se como uma forma de pensamento que está diretamente relacionada à realidade contemporânea, na qual distintas culturas vêm adquirindo importâncias equivalentes perante a lógica do capitalismo tardio ou de consumo de massa. Taylor em seu livro *El multiculturalismo y la política de reconocimiento*, frisa a necessidade de reconhecermos o valor equivalente das distintas culturas enfatizando a questão da diferença existente entre os distintos materiais simbólicos.

Frente ao contexto da obra em que o narrador protagonista está inserido, acredita-se que a adoção dessa perspectiva multiculturalista propiciará níveis de compreensão mais profundos e inovadores em relação à construção da identidade desse personagem e sua relação com contextos caracterizados como heterogêneos. Isso ganha credibilidade à medida que para concretizar o objetivo deste estudo, não se ignora a presença atuante do universo cultural indígena na determinação identitária de Ernesto, a qual tornar-se-ia irrelevante diante de uma abordagem de análise literária moderna de caráter elitista e monocultural.

Na tentativa de concretizar a presente intenção, buscar-se-á, primeiro, salientar alguns aspectos histórico-culturais inerentes à sociedade Hispano-americana e apontar as suas possíveis conseqüências na literatura deste contexto para, em seguida, realizar uma análise que visa a observar como se dá a construção da identidade do personagem narrador Ernesto ao longo da obra, verificando como este se relaciona com contextos heterogêneos. Para tanto,

serão objetos de análise a categoria de personagem narrador e suas atitudes e a linguagem utilizada por ele no decorrer do romance.

PARTICULARIDADES DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA

A sociedade pré-colombiana passou por significativas transformações após o contato com a “entidade divina” que a população autóctone acreditou, em primeira instância, ter reencontrado no homem branco que se apresentava montado sobre o lombo dos cavalos. A divindade daquelas figuras aparentemente fortes e bem intencionadas, não tardou em revelar sua perversidade polida pelas garras do novo modelo econômico que ecoava na Europa. Este, para sustentar os interesses da classe burguesa que afluía e manter os luxos da nobreza, necessitava dominar os povos das índias para extrair suas riquezas. Nessa tentativa de dominação da população indígena, o homem do Ocidente dizimou milhares de índios, tentou impor a cultura ocidental e, ainda cruzar as raças branca e indígena a fim de formar uma sociedade monocultural em que imperaria a visão de mundo ocidental. No entanto, essa prática não se resumiu a um episódio pacífico, pois houve muita resistência por parte da população autóctone que, apesar do contato obrigatório com o mundo cultural do Ocidente, se conserva, até hoje, mesmo com a influência da cultura ocidental, parte de suas crenças e de seus rituais.

No que concerne à literatura hispano-americana, em cujo contexto enquadra-se este trabalho, detecta-se, muitas vezes, nas obras literárias, a presença de elementos pertencentes a duas ou mais culturas que se cruzam constantemente e que exprimem, no âmbito da representação artística, o conflito do sujeito latino-americano proveniente do choque entre a cultura ocidental e a autóctone. Esse fato torna-se mais nítido quando se focalizam as manifestações artísticas pertencentes à região dos Andes, onde se localiza o Perú.

Nesse país, a resistência indígena à imposição da cultura branca como dominante e universal é bem visível e pode representar a resistência de vários outros sujeitos pertencentes a outros lugares e grupos sociais em Hispano-América, devido às particularidades histórico-sociais desses países frente à política de colonização ibérica. Essa resistência, que para Rama reflete a rigidez ou conservação da cultura indígena, manifesta-se através da vitalidade e da presença de um contingente significativo de índios e mestiços que estão em constante confronto, tanto nos Andes como em outras regiões hispano-americanas, com uma quantidade minoritária de brancos, o que ocasiona o surgimento de uma cultura de caráter heterogêneo. “En el caso andino, la ‘rigidez cultural’ operó en ambos campos enfrentados, frustró los intentos de integración y condenó tanto a la cultura autóctona como a la dominante española a autoabastecerse independientemente una de otra” (RAMA, 1982, p. 76). Frente a essa realidade social em que culturas antagônicas enfrentam-se tornando hostil a integração de ambas as partes, as manifestações literárias produzidas nestas regiões podem estar vinculadas a um universo cultural heterogêneo de modo que a literatura andina, e de outras regiões do continente hispano-americano, assume as características da heterogeneidade cultural, ou seja, configura-se como uma representação “donde por debajo de su textura ‘occidental’, subyacen formas de conciencia y voces nativas.” (CORNEJO POLAR, 2000, p.7).

A CONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA DO NARRADOR PROTAGONISTA ERNESTO

No romance *Los Ríos Profundos*, o personagem Ernesto narra, em primeira pessoa, acontecimentos que o envolvem diretamente no desenrolar da trama narrativa. Ernesto, por ser filho de um homem que não tinha residência fixa, viveu parte de sua infância sob a proteção de índios em uma aldeia na região dos Andes. Na adolescência, porém, passa a estudar em um colégio de padres onde é educado a partir da doutrina católica e ocidental, vinculando-se, dessa forma, à camada letrada da sociedade.

Ao narrar os fatos que o envolvem, Ernesto assume dentro da mencionada obra a condição de narrador-protagonista, de modo que “narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos.” (LEITE, 1985, p. 43). Assim, esse narrador, por pertencer a essa categoria, conta os fatos sob uma perspectiva

subjetiva própria, ou seja, pensa, percebe, sente e julga com base em sua própria constituição identitária.

Sendo o narrador-protagonista Ernesto um personagem que viveu parte de sua infância em meio a uma realidade sócio-cultural indígena e que na adolescência passa a partilhar e ter de se adaptar a uma nova realidade sócio-cultural, ocidental e letrada, torna-se pertinente salientar que esse personagem acumula, enquanto sujeito, elementos provenientes de dois universos culturais distintos e antagônicos. Assim, a presença do narrador protagonista, revela uma estratégia literária que permite que, no decorrer da narração, os pensamentos, os sentimentos e as percepções, elementos que revelam a identidade do narrador, estejam totalmente envolvidos por um universo cultural heterogêneo.

O contexto heterogêneo andino, no qual o próprio Arguedas, autor da obra, constituiu-se identitariamente como “um individuo ‘quéchua, moderno’ que ‘como un demônio feliz habla en cristiano y en índio, en español y en quechua’” (CORNEJO POLAR, 1994, p.208) serve de cenário para o desenrolar da intriga que configura o romance *Los Ríos Profundos*. Sendo o autor da obra um sujeito heterogêneo, plural e fragmentado, à medida que partilha de componentes culturais distintos que na opinião de Cornejo Polar (1994) se manifestam na linguagem e no modo de ser desse autor, a presença do narrador-protagonista pode vir a representar, no universo ficcional, a realidade andina, que por abrigar culturas opostas apresenta condições propícias à configuração de sujeitos dotados de identidades plurais e fragmentadas devido a constituição.

Essa pluralidade do narrador pode ser notada no nível da linguagem fragmento a seguir, no qual o protagonista começa a explicar em espanhol o significado de termos quéchuas.

La terminación quechua *yllu* es una onomatopeya. *Yllu* representa en una de sus formas la música que producen las pequeñas alas en vuelo; música que surge del movimiento de objetos leves. Esta voz tiene semejanza con otra más vasta: *illa*. *Illa* nombra a cierta especie de luz y a los monstruos que nacieron heridos por los rayos de la luna. *Illa* es un niño de dos cabezas o un becerro que nace decapitado; o un peñasco gigante, todo negro y lúcido, cuya superficie apareciera cruzada por una vena ancha de roca blanca, de opaca luz; es también *illa* una mazorca cuyas hileras de maíz se entrecruzan o forman remolinos; son *illas* los toros míticos que habitan el fondo de los lagos solitarios (...). Se llama *tankayllu*, al tábano zumbador e inofensivo que vuela en el campo libando flores (...) *pinkuyllu* es el nombre de la quena gigante que tocan los indios del sur durante las fiestas comunales. El *pinkuyllu* no se toca jamás en las fiestas de los hogares. (ARGUEDAS, 1978, p. 52-53).

Nesta passagem, ganha relevância o fato de Ernesto explicar os termos quéchuas em espanhol. Isso só é possível porque ele possui um conhecimento da língua quéchua e da cultura que esse código lingüístico veicula. Dessa forma ocorre uma confluência de códigos lingüísticos e se estabelece uma tensão no nível da linguagem. Em espanhol, Ernesto só pode explicar o significado dos elementos quéchuas, ou seja, não substitui o termo por outro pertencente à língua espanhola, o que demonstra que as palavras quéchuas veiculam materiais simbólicos inerentes à cultura indígena e, portanto, expressam um tipo de relacionamento com as coisas, com a natureza, com a vida, com o mundo sensível, que não existem em espanhol. Isso mostra a diferença existente entre as duas línguas e o abismo que as separa no âmbito dos valores culturais e das visões de mundo que carregam. Ao realizar a explicação dos termos quéchuas em espanhol, no plano do enunciado, o sujeito narrador se consolida como um sujeito heterogêneo, fragmentado e tenso, visto que ao enunciar trabalha com duas esferas culturais opostas. Trata-se de um individuo que se apresenta como letrado e culto, pois é capaz de explicar aos leitores o significado dos termos quéchuas, e dotado, também de identidade indígena, pois se revela grande conhecedor dessa cultura. Ou seja,

...la identidad del sujeto se extravía en una palabra que es suya y de muchos. En el borde de dos mundos, oral y escrito, (...) moderno y antiguo, urbano y campesino, español y quechua, el sujeto y su aptitud discursiva no tienen otra posibilidad que entrecruzarse con todo un pueblo quebrado y heteróclito. (CORNEJO POLAR, 1994, p. 213)

A identidade plural de Ernesto é reiterada no âmbito das atitudes e dos pensamentos desse narrador protagonista. Em um determinado momento, estando frente ao rio *Pachachaca* faz um comentário referente ao rio e à ponte que o atravessa.

El puente del Pachachaca fue construido por los españoles. Tiene dos ojos altos, sostenidos por bases de cal y canto, tan poderosos como el río. (...) Yo no sabía si amaba más al puente o al río. Pero ambos despejaban mi alma, la inundaban de fortaleza y de heroicos sueños. (ARGUEDAS, 1978, p. 50)

Nesse trecho, Ernesto depara-se com dois elementos de caráter antagônicos que o fazem deleitar-se: a ponte e o rio. Esses elementos são opostos à medida que um pertence à natureza e o outro foi fabricado pelo homem branco espanhol com a intenção de vencer a força do rio, ou seja, a força da natureza, o que gera simbolicamente um antagonismo cultural. Sendo o rio um componente da natureza carregado de valor para cultura indígena e a ponte um símbolo da modernidade atrelado à cultura modernizadora instituída pelos espanhóis na América, pode-se pensar que esses componentes representam metaforicamente a cultura espanhola confrontando-se com a cultura indígena. Frente a esses dois elementos o narrador protagonista mostra-se indeciso, pois não sabe se ama mais a ponte ou o rio. A indecisão resulta da necessidade de optar por alguma coisa em um universo de oposições. Por outro lado, Ernesto demonstra certeza, pois usa, no plano da linguagem, a conjunção *pero* que marca a inversão das idéias, que os dois elementos provocam nele bons sentimentos, pois limpam, purificam sua alma e o enchem de sonhos. Dessa forma, parece que o narrador identifica-se tanto com elementos da cultura indígena como da cultura ocidental, o que o torna um sujeito plural com uma identidade heterogênea, pois deleita-se, num processo de identificação, com elementos que simbolizam mundos culturais distintos.

É importante salientar que, neste fragmento, o conflito que se estabelece em Ernesto não parece acentuado, pois se registra no nível da indecisão. Ou seja, ele parece identificar-se com as duas culturas, mas é atacado pela dúvida em relação a qual delas guarda sentimentos mais profundos. Essa dúvida ou indecisão revela uma certa tensão em Ernesto devido a esses dois universos culturais de caráter antagônicos estarem presentes no seu interior. Isso instiga a pensar que a ausência do registro de um conflito acentuado em Ernesto, embora confluem em seu interior valores simbólicos de caráter opostos, se liga ao fato de a ponte e o rio estarem em equilíbrio. Nenhum desses elementos tenta anular a força do outro, já que a ponte é tão poderosa como o rio (*la puente es tan poderosa como el río*) e é perante a estabilidade dessas forças portadoras de conteúdos culturais antagônicos que Ernesto se compraz, já que se identifica com as duas. Desde a perspectiva do narrador-protagonista, conclui-se que Ernesto, a partir desta passagem, define-se, também como um sujeito em cuja identidade paira a pluralidade, a heterogeneidade, pois se identifica com dois universos culturais antagônicos, mas não demonstra estar em conflito porque, neste trecho específico, os elementos de uma cultura não tentam se sobrepor aos da outra. A ponte, que representa a perspectiva cultural do ocidente, não impede, nem prejudica a trajetória do rio, e este não interfere, com a força de suas águas, na sustentação da ponte.

Em outro fragmento, o protagonista desloca-se juntamente com o Padre do povoado até as moradias indígenas. Ao chegarem nesse lugar, o Padre começa a dirigir um discurso moralizante e católico aos índios. No ato de escutar o discurso autoritário do padre e presenciar as atitudes da população indígena frente às palavras do sacerdote, Ernesto deixa transparecer a tensão e o conflito que se abrigam em seu interior quando a cultura ocidental tenta apagar ou submeter os valores da cultura indígena. Ou seja, configura-se, novamente,

como um sujeito heterogêneo que partilha de duas culturas sem que nenhuma delas perca seu conteúdo ideológico e, portanto, não admite a imposição de uma sobre a outra.

Con voz delgada, altísima, habló el padre en quechua: (...) Yo vengo a consolarlos (...). Todos padecemos, hermanos. Pero uno más que otros. Ustedes sufren por los hijos, por el padre y el hermano; el patrón padece por todos ustedes; yo por todo Abancay; y Dios, nuestro Padre, por la gente que sufre en el mundo entero. ¡Aquí hemos venido a llorar, a padecer, a sufrir, a que las espinas les atraviesen al corazón como a nuestra señora! ¿Quién padeció más que ella? ¿Tú padeces más? ¿Tú lloras más...?’

comenzó el llanto de las mujeres, el padre se inclinó y siguió hablando:(...) Se contagiaron todos. (...) Vi los ojos de los peones. Las lágrimas les corrían por sus mejillas sucias, les caían al pecho, sobre las camisas, bajaban al cuello. El mayordomo se arrodilló. Los indios le siguieron. Algunos tuvieron que arrodillarse sobre el lodo del canchón. (...) Yo no me arrodillé; deseaba huir, aunque no sabía adonde.

-¡Arrodíllate! Me ordenó el padre. (...) Atravesé el tabladillo; salté lejos, y caí a los pies de un peón viejo. (ARGUEDAS, 1978, p. 90)

Ernesto, neste trecho, narra em espanhol o discurso do Padre que foi enunciado em quéchua, a fim de que o leitor possa compreender essas palavras as quais transmitem um conteúdo simbólico do mundo ocidental. Esse ato sugere que o protagonista conhece não somente a língua quéchua, mas também a língua espanhola e a carga cultural inserta imbricada a mesma.

Nota-se que o discurso direcionado aos índios pelo padre expressa a ideologia cristã, instrumento de dominação adotado pelo colonizador no ato da “catequização” da população autóctone. Para tanto, o autor da obra resgata e apresenta, desde o universo literário, a cena em que, no princípio da colonização, confrontaram-se as culturas do colonizado e do colonizador. Nesse enfrentamento, em que o homem branco buscou impor sua concepção de mundo ao índio, obrigando-o a praticar rituais inerentes à cultura ocidental que afirmavam a superioridade do homem branco, percebe-se que alguns índios parecem concordar com os preceitos da cultura ocidental transmitidos pelo Padre, pois choram frente ao padecimento de Nossa Senhora e de Deus e se ajoelham, praticando, assim, o ritual de uma cultura oposta à deles. Ou seja, a população indígena parece assimilar a cultura do “outro” sem impor maior resistência. No entanto, o protagonista narrador, que partilha dos dois conteúdos simbólicos, ao presenciar tal acontecimento, entra em conflito. Ele não pratica o ritual que expressa os valores da religião católica (ajoelhar-se para rezar), pelo contrário, sente vontade de fugir (*deseaba huir*). Essa atitude sugere que embora Ernesto se identifique com as duas culturas antagônicas, como fica claro no episódio da ponte, quando uma tenta se impor, dominar à outra, ele entra em conflito, rejeitando a submissão. Quando é obrigado a praticar um ritual pertencente à cultura do colonizador, deseja fugir, demonstrando desespero, tensão, falta de coragem para enfrentar uma situação conflitiva. Assim, no plano das atitudes do narrador - protagonista se nota que a imposição da cultura ocidental sobre Ernesto não se consolida de maneira pacífica, ou seja, Ernesto não se configura como um sujeito mestiço, pois a mestiçagem tem por característica “la solución del conflicto (...) la solubilidad de los ingredientes, es decir, su capacidad de establecer un *continuum* existencial, sin fisuras aparentes”. (CHAVES, 1996, p.3/7). No entanto, o narrador protagonista se define como um sujeito heterogêneo, dotado de uma identidade plural na qual, devido à insolubilidade dos elementos em jogo, paira o conflito e a tensão.

Pode-se acrescentar ainda que o autor da obra, para apontar a existência de sujeitos heterogêneos e conflitivos, utilizou uma cena que revela a inversão de um episódio inerente ao processo de colonização da América. Essa inversão consolida-se no momento em que Ernesto não se submete à prática do ritual religioso cristão demonstrando ser um sujeito que rechaça a catequização. Esta cena contraria a versão do discurso histórico oficial, que para Eagleton (1985), se caracteriza como homogeneizador, universalizante. Isto implica dizer que no caso

da Hispano-América o discurso histórico oficial se empenhou em divulgar que a recepção da cultura ocidental pela população indígena se deu de forma pacífica o que implicaria um caráter homogêneo e ocidental da cultura hispano-americana. Nesse sentido, torna-se pertinente ressaltar que o autor inverte a versão oficial da história através das atitudes do protagonista narrador, para mostrar, no universo literário, que a população colonizada não apresenta identidade homogênea como almejou o projeto colonizador, que pretendia transformar essa população em mestiços. Assim, esse recurso (inversão do discurso histórico), refletido através das atitudes do narrador protagonista, pode estar representando a realidade da população dos Andes e de outras regiões da Hispano – América. Pode, ainda, estar apontando, no campo literário, que o sujeito e a cultura indígena não foram apagados ao longo da colonização, que não se comportaram pacificamente perante a imposição da cultura ocidental, mas que foram resistentes e, assim, sobrevivem com força em meio a um espaço onde a cultura indígena e a ocidental estão presentes e em confronto. Esse choque de visões de mundo abre espaço, nas regiões hispano-americanas, para a configuração de um sujeito plural, heterogêneo e conflitivo. Na opinião de Rama

La fineza de observación de Arguedas es asombrosa y a ella puede atribuirse la felicidad de sus muchas comprobaciones sobre el funcionamiento de la sociedad, los diversos estratos, sus intereses y sus conflictos. Arguedas desarrolló una habilidad consumada para leer a la sociedad en las obras de arte (RAMA, 1982, p.191)

A sucinta interpretação realizada sugere que contextos historicamente marcados pelo confronto de culturas provenientes de um projeto colonizador podem originar, no terreno da arte, a representação de um universo em que a aceitação do “outro” (colonizador) pelo colonizado não se registra de forma passiva. No entanto, esse processo representativo parece concentrar o conflito de um sujeito que preservou a sua visão de mundo e que não se submeteu à tentativa de ocidentalização racional de sua cultura. Participou de conflitos sangrentos, mas sobreviveu e preservou suas crenças, embora em confronto com as do “outro”.

Assim, se a arte representar um contexto de confrontos culturais, cujos sujeitos estão marcados pela heterogeneidade identitária, adotar uma metodologia de estudos baseada em uma concepção de cultura homogênea e elitista é sufocar o grito secular do sujeito colonizado e mostrar-se adepto ao projeto que visou o extermínio de uma civilização em prol da sustentação de uma sociedade egoísta e individualista, que, movida pelo instinto capitalista, marginalizou culturas para afirmar-se como única e suprema em valor e verdade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGUEDAS, J. M. **Los ríos profundos**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.

CHAVES, R. B. “Sobre la heterogeneidad literaria y cultural de América Latina”. In: Mazzotti, J. A.; Aguilar, Z. U. J.. **Asedios a la heterogeneidad cultural . Libro de homenaje a Antonio Cornejo Polar**. Philadelphia: Asociación Internacional de Peruanistas, 1996; p. 21-36.

CORNEJO POLAR, A. **Escribir en el aire**. Lima: Editorial Horizonte, 1993.

CORNEJO POLAR, A. **O condor voa**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

RAMA, A.. **Transculturación narrativa en América Latina**. México: Siglo Veintiuno, 1982.

TAYLOR, C. **El multiculturalismo y “la política de reconocimiento”**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martim Fontes, 1985.